



**PARA NÃO ESQUECER:
NARRATIVAS DAS
EXPERIÊNCIAS DE
PROFESSORAS
NO CONTEXTO DA
PANDEMIA DO
COVID-19**

**RENATA BARROSO DE SIQUEIRA FRAUENDORF
FERNANDA CAMARGO DALMATTI ALVES LIMA
GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO**
(ORGANIZADORES)

**Renata Barroso de Siqueira Frauendorf
Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima
Guilherme do Val Toledo Prado
(Organizadores)**

**Para não esquecer:
narrativas das experiências de
professoras no contexto da
pandemia do Covid-19**



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Renata Barroso de Siqueira Frauendorf; Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima; Guilherme do Val Toledo Prado (Orgs.)

Para não esquecer: narrativas das experiências de professoras no contexto da pandemia do Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 68p.

ISBN 978-65-5869-68-9

1. Pesquisa narrativa. 2. Narrativas de professoras. 3. Pandemia Covid-19. 4. Autores. I. Título.

CDD - 370

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos - SP

2020

SUMÁRIO

Continuemos a esperarçar!	5
Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima, Renata B. Siqueira Frauendorf e Guilherme do Val Toledo Prado	
Carta para as colegas do GRUPAD	10
Rosaura Soligo	
Por janelinhas!	14
Ana Luiza Tayar Lima	
Escola em tempos de pandemia	17
Angelina Vieira da Silva	
Isolamento Social e os Sinais de Pontuação	19
Cláudia Ortolan	
Lições da pandemia	22
Elisângela Lima	
Alfabetização e seus aromas	25
Elisabete Rosa da Silva	
Desafios atuais da alfabetização	28
Fernanda C. Dalmatti A. Lima	
Desafios atuais em tempo de Pandemia	31
Loendra Bueno Santos	

A Escola e o vazio	33
Lucilene Aparecida da Silva Faverei	
Curta divagação de uma professora em tempos de Pandemia	35
Maria Irma Chahine Gallo	
Indagações e desafios durante a pandemia	39
Maria Teresa Cruz de Moraes	
O que importa?	42
Paula da Rocha Gomes Oliveira	
Fora da escola e sem internet, também se aprende!	45
Renata B. Siqueira Frauendorf	
Educação em tempos de distanciamento social	48
Rosimeire Souto	
Novo...Descontrole...Mudança...	50
Rossana Medes Gomes	
“NÓS”	52
Simone Aparecida Ferreira Campana	
Epílogo	56
Rosaura Soligo	
Sobre as autoras das narrativas	63
Sobre as organizadoras e o organizador	68

Continuemos a esperar!

*Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima, Renata B. Siqueira
Frauendorf e Guilherme do Val Toledo Prado*

O que quer dizer

O que quer dizer diz.

Não fica fazendo

o que, um dia, eu sempre fiz.

Não fica só querendo, querendo,

coisa que eu nunca quis.

O que quer dizer, diz.

Só se dizendo num outro

o que, um dia, se disse,

um dia, vai ser feliz.

Paulo Lemisnki

O GRUPAD – Grupo de Estudos Alfabetização em Diálogo, coordenado pelas Profas. Heloísa H. D. M. Proença e Renata B. S. Frauendorf – vinculado ao GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – da Faculdade de Educação da UNICAMP, vice-coordenado pelo Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, é um grupo colaborativo e tem suas atividades coordenadas e organizadas por todos aqueles que participam e desejam contribuir. Um grupo colaborativo que nasceu em novembro de 2010 da força e desejo de professoras recém-formadas e iniciantes na carreira docente, que sentiam necessidade de conversar - dizerem do seu lugar de dizer - e pensar sobre a prática escolar na alfabetização. Atualmente é formado por educadoras no exercício da docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil; por

profissionais da coordenação pedagógica escolar; formadoras de professores que atuam nas redes públicas e privadas de ensino, entre outras profissionais vinculadas à educação escolar. Um coletivo formado majoritariamente por mulheres.

Em nossos encontros quinzenais partilhamos experiências, ideias e saberes fruto das diversas atividades que desenvolvemos, não nos esquecendo das temáticas relativas à alfabetização. Partilha que acontece seja nos momentos de encontros, no grupo do Facebook, Instagram ou no WhatsApp, sempre procurando entender melhor o universo profissional que vivenciamos, pois, concordamos com a ideia de que ao narrarmos os processos que “*nos tocam*”, *nos atravessam*, *nos transformam* (LARROSA, 2002), elegemos aspectos para potencializar nossas reflexões coletivas.

Mas então, março de 2020 chegou e, junto veio...

Pandemia. Susto. Distanciamento. Escolas fechadas.

E nós, professoras e professores para onde vamos? Para casa?

E nossos Encontros do Grupad?

Medos e dúvidas que provocaram nosso afastamento até o mês de maio quando retomamos nossos encontros de forma remota. O GRUPAD foi o espaço de escuta, acolhimento, do abraço que envolve, pelo fio invisível da internet. O *Google Meet* tornou-se nosso novo local de encontro, as janelas e chat nosso meio de interação. Iniciamos esta retomada, relembando a tarefa deixada lá no primeiro encontro presencial do ano de escrita de narrativas sobre os *desafios atuais de alfabetização*. Escrita que se desdobrou para os desafios da pandemia.

Essa proposta nos impulsionou e nos estimulou a partilhar escritas produzidas em tempos angustiantes e muito desafiadores. Essa proposta nos transformou, nos encheu de esperança do verbo esperar, como nos ensinou Paulo Freire!

Os escritos começaram a ser partilhados via nosso grupo do WhatsApp, e durante os encontros virtuais. A escuta e partilha de narrativas sobre os desafios, inseguranças, receios, experiências, descobertas, dentro de um contexto tão desconhecido e incerto permitiu às demais participantes perceber e acolher os sentimentos das professoras, os saberes recém-construídos num momento excepcional, além do fortalecimento de nosso coletivo-colaborativo.

Com as escritas, nos reconhecemos enquanto professoras-pesquisadoras-organizadoras do conhecimento do chão da escola-casa. O nosso posicionamento, ao escrever, na escolha de cada palavra, cada enunciado, são atos responsáveis (BAKHTIN, 2017) que *assinam* singularmente a escrita de nossas experiências, somos não-indiferentes aos sujeitos dos acontecimentos do cotidiano escolar, agora em nossas casas.

Quando percebemos, eram tantos escritos, que precisávamos fazer a *palavra circular* para além de nossas telas. Decidimos compartilhar pelas redes sociais do GRUPAD e nesses espaços recebemos respostas outras de sentimentos, emoções, revelados por diferentes leitores(as)-professoras e professores. Como disse Daniel Suarez na live “Conversas, partilhas e formação em rede” de agosto 2020¹, ao narrar o professor, indaga sua própria experiência, recorre a indícios, pistas, ideias,

¹ Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=0Enf4NtVAW8> . Acesso em 22/10/2020

que o ajudem a compreender o vivido. E ao ler a produção de colegas, bem como os comentários registrados, ampliam-se as possibilidades de diálogo e atribuição de sentidos outros, revelando-se num importante processo formativo.

Foi um movimento tão potente! Ao disponibilizar nossas narrativas, em tempo de pandemia, compartilhamos a educação que construímos diariamente, na escola e atualmente, fora dela. Mostramos as possibilidades, os limites e marcamos nosso posicionamento sociopolítico frente às injustiças e as desigualdades. Conjugando o verbo *esperançar*, como disse nosso Mestre Paulo Freire, continuamos a realizar o trabalho pedagógico de modo comprometido e emancipatório.

E ao escrever, porque **esperançamos**, novas possibilidades de trabalho educativo irrompem, porque construímos saberes com os cotidianos escolares de outra perspectiva, de outra mirada, agora dentro de nossas casas, mais em contato com as famílias, nas suas mais diversas realidades e necessidades. Realidades e necessidades que muitas vezes são reveladas pelo flagrante exposto da câmera aberta, pelos sons que rodeiam os encontros do meet quando o microfone está “desmutado”, pelos silêncios de muitas famílias no grupo de zap, pelos muitos acontecimentos que revelam disparidades sociais, intenções de vínculo, alegrias pelos rostos vistos...

Os textos desta coleção não nos deixam esquecer de um momento, início da pandemia do covid-19 - anos 20 do séc. XXI - e o impacto sentido por nós professoras diante do fechamento das escolas, que muito embora esteja muito vivo entre nós, já é passado. Um passado que não pode ser apagado, esquecido, ou simplesmente

abandonado em nome do novo normal, pois vivemos (continuamos a viver) intensamente as angústias e incertezas dos primeiros momentos da pandemia e aprendemos com essa experiência.

Finalizamos com as palavras do mestre Paulo Freire (2002):

“É preciso ter esperança, mas ter
esperança do verbo esperançar;
porque tem gente que tem
esperança do verbo esperar.
E esperança do verbo esperar
não é esperança, é espera.
Esperança é se levantar,
Esperança é ir atrás,
Esperança é construir.
Esperança é não desistir!
Esperanças é levar adiante,
Esperança é juntar-se com
outros para fazer de outro modo...”

Paulo Freire

Esperançamos!

Que brotem mais escritas desse lindo coletivo que nos constitui!

Carta para as colegas do GRUPAD

Campinas, Primavera, Outubro de 2020.

Caras professoras do Grupad,

Ler as narrativas de vocês foi uma experiência muito singular!

Eu sempre soube que os textos que escrevemos para contar sobre o que vivemos e pensamos documentam nossa história pessoal e, de algum tempo para cá, sei também o quanto trazem indícios da história social que está em curso no momento em que escrevemos.

Mas acontece que a leitura dos textos de vocês produziu um efeito de fotografia dessa convicção, por isso foi singular e especial. Sim, porque, com diferentes enfoques, todas vocês escreveram sobre um tema comum: os efeitos da pandemia na nossa vida, na vida de quem faz a educação deste país. E o resultado é que, na medida em que vamos lendo, é possível alcançar, de algum modo, também os acontecimentos que provocaram tais efeitos.

Se nas próximas décadas os professores tiverem a oportunidade de ler este livro escrito por vocês eles com certeza entenderão – tanto quanto é possível entender algo pela leitura de relatos de experiências não vividas – o que se passou conosco, professores e alunos, neste início dos Anos 20 do Século XXI. Será possível, de algum modo, alcançar o nosso tempo...

Fiquei tão tocada ao imaginar essa possibilidade que resolvi organizar uma composição para ser o epílogo destas narrativas, e espero que vocês gostem.

Bem, o fato é que tudo o que vocês disseram me instigou a reunir alguns lembretes num 'Para não esquecer', destinado ao momento da reconstrução da escola após a pandemia. E aqui vão eles:

- Não existe aprendizagem perdida – o que existe é ensino previsto e inviabilizado pelas circunstâncias.
- Se os meninos e meninas do nosso país não tiveram acesso ao ensino projetado para 2020, é responsabilidade da escola não só encontrar a melhor forma de reparar esse prejuízo, mas também garantir que compartilhem os aprendizados conquistados enquanto estiveram em casa. Esse contexto inusitado do confinamento certamente ensinou muito a todos.
- Não é razoável que a avaliação do conhecimento dos alunos tenha como parâmetro o que eram as expectativas de aprendizagem para 2020, em condições regulares, com o ensino presencial. Aliás, em qualquer circunstância, a avaliação da aprendizagem só é justa se tiver como parâmetro a combinação de três critérios: o aluno em relação ao que se espera que aprenda (as expectativas de alcance), o aluno em relação a ele mesmo (o processo pessoal de construção de conhecimento) e o aluno em relação aos demais colegas que passaram pela mesma situação que ele (comparação que permite entender melhor as razões do seu desempenho e se precisará de apoio pedagógico).
- Os ajustes curriculares serão necessários, com certeza. E já que é preciso fazê-los, não se pode perder a oportunidade de considerar tudo o que carece de ajuste já não é de hoje. Talvez tenha chegado, enfim, a hora de pagar a dívida que a

escola tem com a sociedade brasileira há mais de três décadas, isto é, oferecer um tipo de educação que promova o pleno desenvolvimento da pessoa e o exercício da cidadania, tal como previa a Constituição de 1988.

- Não se garante esse tipo de educação ensinando apenas os conteúdos conceituais clássicos das disciplinas do currículo. Tal como recomenda o documento da Unesco que apontou os Quatro Pilares da Educação para o Século XXI (o chamado Relatório Delors), é imprescindível que os alunos aprendam não só a conhecer, mas também a fazer, a conviver e a ser pessoas cada vez melhores.
- Também os tempos e espaços escolares, que resistem imutáveis desde sempre, podem agora ser organizados de outros modos para atender às mudanças curriculares que se há de fazer. Será uma grande oportunidade de flexibilizá-los.
- Se os recursos tecnológicos foram utilizados emergencialmente para a comunicação a distância com quem a eles teve acesso, agora será preciso colocá-los a serviço do principal: ampliar as possibilidades de aprendizagem de todos, em especial dos meninos e meninas que não tiveram oportunidade de desfrutar dessas ferramentas no período de distanciamento.
- A discussão das necessidades reais, o trabalho coletivo dos educadores para encontrar os melhores caminhos e uma prática de gestão a serviço do que, juntos, todos decidem fazer são condições essenciais para promover mudanças na escola.
- Em qualquer situação, o que indica a qualidade real de uma proposta é o quanto ela é ajustada aos sujeitos para os quais se destina, ou seja, o quanto é

capaz de responder às suas necessidades e possibilidades de aprendizagem.

- O diálogo com as famílias sobre a educação escolar adequada a crianças, adolescentes e jovens nestes tempos que vivemos é não só imprescindível, mas estratégico: se a escola não assumir a responsabilidade desse diálogo, elas não terão como mudar por si mesmas as suas concepções e, conseqüentemente, as suas expectativas. Agora que as circunstâncias nos aproximaram das famílias, podemos aproveitar essa conquista para refletir juntos sobre qual é, afinal, a boa escola para os seus filhos, nossos alunos.

- Todo aluno mora dentro de uma pessoa, todo professor mora também. E só essa consciência amorosa será capaz de humanizar a escola.

Então foram esses os pontos que me ocorreram destacar. Nada novo para vocês, eu sei. São apenas lembretes, porque dizem respeito a antigas certezas que temos todas nós. Transformá-las em ações efetivas nas escolas é o que poderá tirar muitas delas da contradição pedagógica, a que sempre se refere António Nóvoa, de professar ricos discursos e realizar práticas pobres.

Saudações pedagógicas,

Rosaura Soligo²

² Formada em Psicologia e Pedagogia, mestre e doutora pela Faculdade de Educação da Unicamp, coordenadora de projetos do Instituto Abaporu. Atualmente desenvolve grupos independentes de formação continuada, cursos de extensão na Unicamp e assessoria para instituições educativas públicas e privadas.

Por janelinhas!

Ana Luiza Tayar Lima

Desde março de 2020, estamos vivendo uma realidade totalmente nova e impensável até pouco tempo atrás. Ficar em casa obrigatoriamente todos os dias e noites, sair para comprar o essencial para alimentação e higiene, álcool em gel que virou utensílio prioritário na lista de compras, lavar saquinho de alimentos com água e sabão, acompanhar as notícias sobre a covid19 no país, em São Paulo e em Campinas, entre outras situações, começaram a fazer parte da rotina aqui de casa.

Como trabalhar com alunos dos anos iniciais no contexto de isolamento social e ensino remoto? Muitas pessoas tem feito essa pergunta e eu particularmente acredito que nós professoras, professores e responsáveis estamos nos reinventando, não é o ideal, não é perfeito, mas o possível na atual situação.

Estou em contato por whatsapp com minhas turmas, assistindo as aulas online, atendendo os responsáveis que tentam aprender com as crianças, ouvindo áudios em horários inusitados, o pai de uma aluna, por exemplo, aproveita o *wi-fi* da empresa que trabalha como guarda noturno para tirar dúvidas e baixar o roteiro para as atividades da semana. Alguns responsáveis só tem o final de semana para conversar e colocar a rotina em dia. Não me recuso a atendê-los, o combinado é que se eu não responder na hora que chegar a mensagem é só aguardar que respondo

quando puder. Está funcionando bem, os grupos são para discussões importantes e as famílias tem se organizado como podem.

Algumas mães que tem mais facilidade, me ajudam a responder questões como: não caiu o dinheiro da merenda ainda? Não consigo me cadastrar no aplicativo. E assim vamos nos comunicando, dependendo dos responsáveis para ter acesso as crianças, e por isso, minha relação se estreitou com a maioria, acredito que esse é um dos aspectos positivos que vou levar dessa experiência.

Há algumas crianças, cerca de cinco, entre as duas turmas, que não consigo retorno, só sei que estão bem, porque foram retirar o material impresso na escola.

Desde a semana passada senti um aperto no peito e uma saudade enorme de estar com as crianças e olhar nos olhos delas. Resolvi então mergulhar em uma proposta de vídeo chamada com as crianças e fazer uma roda de conversa. Eles se empolgaram, as famílias também, fizemos o combinado para fechar e abrir os microfones, praticamos, conversamos sobre diversos temas: como estamos, o que temos feito, a rotina de estudos, etc. Risos, vergonha e euforia tomaram conta das reuniões. A nossa conversa foi maravilhosa! Apesar dessa primeira ser com poucas crianças, marcamos para a próxima semana uma outra vídeo chamada e a lista de interessados no grupo ampliou muito.

Se eu soubesse que esse diálogo, deixaria tão bem e felizes todos os envolvidos, com certeza teria proposto antes. Quando terminamos a vídeo chamada, com duração de uma hora, e a proposta era inicialmente de quarenta minutos (risos), algumas mães deixaram mensagens calorosas no grupo.

Meu coração ficou aquecido, vendo por janelinhas, aqueles rostinhos felizes e entendi que mesmo distante e com tantas coisas bárbaras acontecendo no Brasil, ser professora, ensinar e aprender, traz sensibilidade e afeto para todos os envolvidos no processo.

Escola em tempos de pandemia

Angelina Vieira da Silva

Ao acordar todos os dias penso, como estão meus alunos? Será que compartilhamos dos mesmos sentimentos?

Sentimentos esses que ao estarmos longe da escola sentimos, que algo que até então fazia parte da nossa rotina diária, e que agora está suspensa.

A rede a qual trabalho por ser do segmento de Educação Infantil, e primeiro ano do Ensino Fundamental, optou por criar um blog onde nós professores produzimos conteúdos que são revisados pela a coordenação e postados por elas.

Mesmo trabalhando remotamente, tinha algo que não se calava dentro de mim, então pensei: irei conversar com a coordenação da escola visando a possibilidade de criar um grupo de WhatsApp para interagir com os meus alunos e seus pais/responsáveis. Proposição que foi bem aceita pela a coordenação, e assim o fiz.

Ao criar o grupo, a minha primeira frase foi, *crianças estou com muitas saudades*, a resposta foi imediata de alguns alunos, que por ainda não serem alfabetizados, tomaram o celular em punho e me mandaram áudios respondendo que também estavam com muitas saudades.

Foi emocionante para mim, e com isso quero dizer que em momentos de exceção que estamos atravessando e sendo atravessados, vejo as tecnologias, como coadjuvante nesse processo, e que infelizmente neste momento também está sendo excludente.

Mas pensando em meus pares tenho acompanhado o quanto elas/eles têm se desdobrado para dar conta, de acordo com o sistema a entupirem os alunos com atividades, atividades essas que na maioria das vezes servem apenas para cumprirem um currículo. Para que serve mesmo toda essa parafernália? Digo isso porque alguns alunos conseguem acesso outros não. Aulas que serão computadas como matéria dada, como meios avaliativos entre outros objetivos.

Sabemos que dentro de outros objetivos estamos assistindo a chegada de *homeschooling* que está em curso de ser consolidado no nosso país, desta forma naturalizando a desigualdade educacional que sempre existiu, e que com um ingrediente a mais, o confinamento obrigatório e permanente, onde será formado alunos com graves sequelas na aprendizagem e na socialização. Confinados em casa, quando tem espaço para tal, que na maioria das vezes não tem o aparato necessário para que a aprendizagem ocorra dentro dos “padrões exigidos”.

Podemos nos perguntar onde fica a socialização dos alunos com seus pares, a interação do ensino formal com ensino informal. Como professores vemos no dia a dia o quão é importante para nossos alunos essa diversidade que só se desenvolve através da interação, com seus pares, e toda comunidade escolar, desta forma promovendo um ensino/aprendizagem mais equitativo.

Isolamento Social e os Sinais de Pontuação

Cláudia Ortolan

Como começar....

Vejamos!

Fevereiro, dia 27.

Iniciei a aula presencial, com uma roda de jornal sobre a notícia de um tal de Coronavírus, ninguém sabia ao certo o que era... Fiz a leitura da notícia e abrimos a discussão. Uma pessoa suspeita em Valinhos. Os alunos acreditaram que não era motivo de preocupação.

Insisti nas questões de higiene, fizemos a lavagem das mãos seguindo os protocolos da notícia.

O sinal de interrogação sempre presente nas aulas.

- Pro, tem mais suspeitos hoje?

Tem cura?

Podemos morrer?

Tentava disfarçar a preocupação, mas, eu tinha mais sinais de interrogação, do que, pontos finais.

E o tempo passou sofredamente...

Líamos as notícias todos os dias, pesquisa, debate, exposição, e mais sinais de interrogação surgiam.

Para cada sinal de interrogação, nenhum ponto final se avistava.

Março dia 16

As aulas serão suspensas gradualmente! Esse sinal de exclamação marcou o início de um novo momento: O isolamento social.

E agora?

Avistamos o exército dos sinais de interrogação, marchando, sem dó nem piedade.

Como fazer? O que fazer?

Eram tantos, entravam pelas portas, janelas e quaisquer frestas que encontrassem pelo caminho.

Esses sinais eram implacáveis, não perdoavam, crianças, idosos, adultos e nem os poetas.

Pouco a pouco, as exclamações começaram a surgir tímidas no horizonte.

A escola está tão quieta! Mais contaminados! Agora surgem os óbitos!

Nós, professores, a cada sinal de interrogação procurávamos incessantemente, um jeito de continuar.

Que jeito?

Os sinais de interrogação ganharam um reforço nessa batalha: Os aplicativos!

Abril, em algum dia no seu início.

Vamos enlouquecer?

Não! Porque professor sempre dá um jeito!

Na partilha, na solidariedade, na angústia, fizemos o que tínhamos que fazer....

Dividimos nossos sinais de interrogação!

Começamos então respirar nesse ambiente carregado de aplicativos.

No meio dessa batalha, as crianças aprenderam dividir seus sinais de interrogação, bem como as famílias.

Até que o improvável aconteceu...

Os sinais de interrogação começaram a enfraquecer, foram perdendo territórios, os pontos de exclamação se fortaleceram na busca colaborativa, na solidariedade, no amor e na esperança.

Maior, o mês todo.

Não dá para falar...

Muitos mortos, muita dor, muita insegurança!

Continuamos a batalha!

Junho, em algum horário hoje, dia 09.

Acabou?

Não!

Temos esperança! Somos resilientes, somos professores!

A cada sinal de interrogação que se ergue, nos unimos e vamos além dos nossos limites para resistir!

Quando vai acabar?

Não sabemos...

De qualquer forma estaremos aqui!

Juntos!

Comecei no singular,

Sou professora, termino no plural.

Termino?

Não!

Somos professores e continuamos...

Em algum lugar entre o passado e o futuro,
PROFESSORES!

Lições da pandemia

Elisângela Lima

No final de janeiro, já se ouvia falar da pandemia do coronavírus na China e em fevereiro essa pandemia chegou aqui no Brasil. Na semana do dia 16 de março as aulas foram suspensas. Tudo parecia um sonho, então começou a quarentena, de um dia para outro, todos estavam em casa em isolamento social, isso me mostrou que não tenho controle sobre o mundo e nem mesmo sobre minha própria vida.

De repente tudo muda, não podemos mais sair, nem abraçar ou interagir com os outros, somente pela *internet*. O que fazer? O que pensar? O mundo parou e me sinto presa na minha própria casa, reaprendendo a viver e a conviver de uma forma diferente, reinventando formas de vencer o medo do vírus e de nos proteger, bem como proteger as pessoas que amamos. Buscando ainda, alternativas para contribuir com os mais vulneráveis seja física, econômica ou emocionalmente, saindo do meu próprio eu para refletir sobre os que estão em uma situação que julgo pior, como por exemplo, os trabalhadores autônomos, os moradores de rua, as pessoas em situações consideradas de risco; entretanto percebo que nem eu estou isenta, pois vejo que desse vírus nenhuma faixa etária tem escapado e que todos somos fragilizados emocionalmente.

Fiquei um tempo em casa sem ter contato com os alunos e agora estou me adaptando com a nova rotina de Ensino Remoto, estou feliz de poder ter este contato com as crianças e desenvolver esse vínculo com os pais.

Para mim, é muito gratificante saber que poderei fazer um pouquinho de diferença na vida dos meus alunos, ao ver as fotos que eles enviam pelo grupo de *whatsapp*, ouvir os áudios e de manter o vínculo já é motivo de celebrar.

Entretanto, neste momento de mudança de rotina, pois começamos a trabalhar de maneira remota, trouxe um desgaste emocional por si só, pois, a demanda de trabalho aumentou, desse modo creio que a escola precisa se adaptar a essa nova realidade, acolhendo e apoiando seus professores, que também estão fragilizados nesse momento de pandemia.

Tive que de um dia para outro reinventar minha forma de lecionar, inicialmente resistir um pouco a essa nova maneira de ensinar, pois sofro com o desafio de trabalhar na educação, que não é mais mediada pelo encontro presencial e sim pelo encontro virtual, já que isso representa uma quebra de paradigma em mim mesma.

No início do ensino remoto eu perdi o sono em algumas noites, muitas vezes chorava com saudades das crianças, das professoras e de toda escola, recordava os momentos significativos e afetivos vividos.

Nós professores estamos sofrendo com essa mudança, a escola é um espaço que estamos construindo. Diante desse novo desafio, busquei formas de comunicar com as famílias, por meio de interações com as crianças, buscando desenvolver atividades, em que elas possam se expressar, sendo produtoras de conhecimento, apoiadas por suas famílias, na relação com suas vivências e memórias de todos os envolvidos.

Em meio a tantos desafios, a parceria dos professores e o trabalho em equipe têm sido imprescindíveis para vencermos os obstáculos e têm nos

ajudado a superar situações difíceis e nos fortalecido para continuarmos firmes nessa nova caminhada, crendo que com fé, esperança e amor conseguiremos encontrar caminhos mais leves e menos angustiantes.

Espero que esta pandemia me transforme em uma pessoa mais humana, com mais fé em Deus e no ser humano, apesar de tantas decepções pelas crueldades que vemos, sobretudo no contexto político. Quero aprender a reconhecer as minhas limitações diante desta situação e busco ter um olhar mais sensível à minha dor e a dor do outro. Esta pandemia mudará nossas histórias, relacionamentos, a nossa forma de ver o mundo, necessidades e anseios. Espero que possamos voltar para a nossa rotina de vida, mais abertos às opiniões dos outros, mais humanos, menos egoístas e autossuficientes, dispostos a ser transformados e transformar a sociedade na qual estamos inseridos.

Alfabetização e seus aromas

Elisabete Rosa da Silva



Quem dera... diziam as avós. Quem dera o processo de aquisição da escrita fosse assim: simples, porém complexo, como no chão do quintal escrevendo o que se gosta, escrevendo para brincar, escrevendo o que viesse a mente ricamente contextualizado.

Era uma tarde de maio de 2020, em plena pandemia e fora da escola. Ele está no primeiro ano e gosta de quintal, diz que será cientista e minerador, gosta de brincar com água em seus potinhos e adora chás. Chá de erva doce com cravo, de capim cidreira, de hortelã e de todas as misturas de sementes e folhas que sua avó prepara carregadas de um doce que não exige punição: é o doce de vó, de carinho, de cuidado, de agrado e de memórias.

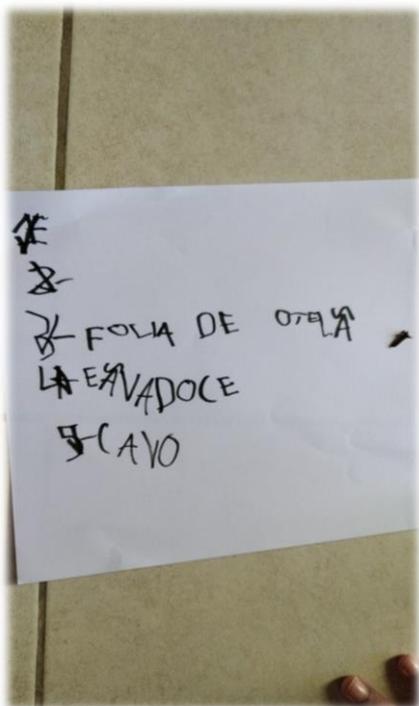
A mãe lavando a louça - o que mais se faz nessa quarentena - e, dizendo: "Vá brincar menino!" Lá está ele com sua folha de papel e seu estojo sentado no chão. De repente ela ouve os cochichos de quem estava em transe, em seu mundo, consigo mesmo, e da pia ouvia um burburinho "*folha de pé de limão*", balançando a cabeça de um lado, de outro. Ativando um pouco mais a audição ela, devagarinho, foi espiar.

O pai é metido com os bichos e com plantas, despreziosamente quer fazer horta e vive espalhando as sementes das frutas que consome junto aos vasos que tem pelo quintal. Claro que a dona da casa reclama. No vaso da planta que tem nome de renda nasceu um suposto pé de limão, na verdade não se sabe de qual espécie realmente é: tangerina, laranja lima, limão cravo, taiti, pois das mãos do pai do menino saíram muitas sementes. Mas o que importa é o aroma cítrico indicando para essa criança um pé de limão.

Ao olhar a folha de papel no chão a mãe percebe que o menino escreveu algo. Previamente acha que era *folha de limão*, mas ao ler a última palavra estava escrito *ortelã*. Ela não se conteve e interferiu: "Que legal o que está escrevendo?" E ele com a folha de hortelã amassada na mão, disse: "As plantas". Sugere então que continue a escrever os nomes das sementes e folhas que usam para fazer seus chás. Se esquecem do pé de limão e a brincadeira continua com a escrita dos chás. Tendo numerado sua lista escreveu a partir do item três e registra à sua maneira o nome daquelas sementes e folhas que já conhecia.

O menino colocou a folha de hortelã no nariz e sentiu o aroma. Dali em diante foi mágico - erva doce, cravo. "Mamãe me dá uma semente dessas pra eu cheirar?" E do quintal pra cozinha foi experimentar

cheiros dos sabores que aprecia desde muito pequeno. Nesse momento seus registros já demonstram o quanto está aprendendo sobre a escrita das palavras - EÃVADOCE e CAVO.



Juntando sua experiência de sabores com a sistematização já percebida na escola acrescentava um confere a cada item, como se corrigisse aquilo que escrevera. Claro que a brincadeira acabou com um chá e com os dois primeiros itens em branco. Ah, e o pé de limão? estará ali no vaso pertinho do pequeno menino para ser sentido, escrito, descrito a qualquer tempo.

Quem dera lá na escola também fosse assim, onde as crianças pudessem escrever mais sobre o que quisessem, marcar o papel com os cheiros e os sabores do que se vive, do que se é. Quem dera a escrita em contextos mais significativos.

Enquanto profissionais acreditamos na potência dos quintais? As aprendizagens dos roteiros de estudos enviados por nós estão acontecendo? E as famílias, qual sua relação com os roteiros e mais ainda com os sabores, saberes, desafios, com a linguagem dos quintais? Quem dera...

Desafios atuais da alfabetização

Fernanda C. Dalmatti A. Lima

Os desafios aparentemente são os mesmos, com alguns *ingredientes* que ressaltam o *sabor* da complexidade: o distanciamento social e o ensino remoto, deixando ainda mais evidente o abismo da desigualdade educacional brasileira.

Ao abrir minhas mídias sociais, observo muitas professoras das quais já trabalhei, outras conhecidas de minha mãe - professora aposentada do governo estadual de São Paulo, partilhando suas práticas de ensino remoto. Nesses compartilhamentos de ensino online, ainda noto aquelas mesmas atividades que não valorizam o contexto social da criança e nem sua palavra.

No final de semana, recebi no grupo de WhatsApp um vídeo tematizando o problema do ensino à distância. O vídeo de uma professora lendo uma atividade de uma apostila/livro didático. Nas imagens via-se a representação e a escrita dos animais: cavalo, cobra e cutia. E abaixo das imagens com os nomes dos animais, escrito em letras maiúsculas as sílabas CA, CO, CU. A professora lê a proposta e explica que é para ser feita a correspondência entre palavra e sílaba inicial. Ela pergunta: “cavalo começa com? CA? CO? Ou C e U?”, depois vai e aponta para cobra, a mesma pergunta e na cutia, ao repetir o mesmo questionamento não aguenta, começa a rir... Acredito que já sabemos o motivo.

Apesar do grupo do WhatsApp ser composto em sua maioria de professores e professoras, o vídeo

evidenciava o problema do ensino a distância, todos e todas não veem a hora de voltar para suas atividades e parar de gravar aulas. Compreendo. Não é fácil. Mas, e a proposta? Ninguém se incomodou. Questionei se no vídeo o problema é do ensino remoto, ou o fato da proposta/atividade não ser presencial.

A vontade foi de cutucar um pouco mais, a questão é a atividade ou as concepções de criança, ensino, escola? As indagações ditas e não-ditas, foram bem simples, apesar de provocativas. Pois bem, compartilho essa inquietação, essa não-resposta, pois sei que o grupo valoriza a interlocução...

O desafio da alfabetização ainda persiste, a concepção sobre o modo como a criança constrói seu conhecimento na escrita e na leitura. A criança que é sujeito de direitos e autora de seu conhecimento. Acredito que neste momento está mais visível as concepções de cada instituição, professora, sistema de ensino. É claro que também vejo boas práticas sendo compartilhadas, infelizmente, são poucas, mas são necessárias para mostrar uma outra forma de fazer/conceber educacionais.

Não sou uma defensora do ensino online, muito pelo contrário! Mas, estamos vivendo um momento de exceção e de muita desigualdade. Se já era desafiador antes, presencialmente propor uma escuta atenta a criança, imagina agora!

Mas, me atrevo a pensar nas possibilidades, em me reinventar e acreditar numa possível transformação a partir dessa pandemia.

Aposto no uso de ferramentas que me permitam ver a criança, incentivá-la a escrever sobre seus sentimentos, percepções, listas de palavras com diversos temas como: de brincadeiras, de jogos, nome de amigos e amigas que

sente saudade, lugares para visitar após a quarentena. Ler, ler, ler: juntos, gravar vídeos/áudios, compartilhar meu modelo leitor (o que estou lendo e o porquê). Aparentemente são atividades simples, mas revelam qual é a minha concepção de alfabetização.

Acreditar e defender que as crianças já são autores sociais e que elas têm muito a nos dizer com as suas palavras ditas e escritas. Essa opção que faço como professora tem um preço alto, mas é nesse caminho que trilho e que me constituo com/para/junto delas.

Desafios atuais em tempo de Pandemia

Loendra Bueno Santos

26 de Maio de 2020

Esse período de isolamento social, em que as escolas foram fechadas, fez com que todos os professores ficassem em casa enfrentando diversos desafios e dificuldades ao lidar com o ensino remoto.

Tiveram que reaprender uma nova forma de ministrar suas aulas, vencendo obstáculos diariamente como por exemplo a falta de manejo dos pais em relação ao uso das ferramentas tecnológicas; a dificuldade em “lidar” com os filhos trouxe mais uma grande obstáculo para ser contornada pelos docentes, afinal em muitos momentos tinham que orientá-los quanto aos encaminhamentos para garantir que o filho se interessasse pelo que o pai está “aplicando”.

Inúmeras perguntas povoam suas mentes e trazidas nas conversas em forma de desabafo: quando as aulas irão retornar? Quando as coisas voltarão ao normal? Será possível existir um normal diante das perdas incalculáveis, diante de um afastamento que muitas vezes foi cruel para as crianças e para nós adultos? Como será esse retorno? Quais dificuldades encontraremos nessas crianças marcadas pelo distanciamento, pelas tristezas, ansiedades e pelos traumas que muitos pais tem relatado?

Observando todos esses apontamentos, chegamos à conclusão de que certamente não existirá um normal, mas sim o novo, caminhos diferentes a serem descobertos para que a escola continue firme. Família e

escola percebendo a necessidade de um novo olhar, de parcerias, paciência e muito amor para recomeçar. Todos redescobrimo o valor do conviver, do abraço, do trabalho em grupo buscando a inclusão de todos nesse contexto tão complicado e que muito tem nos ensinado.

A Escola e o vazio

Lucilene Aparecida da Silva Faveri

No início do ano 2020 como mais um ano, todos cheios de esperança, sonhos e projetos... O ano letivo se aproximava com novas expectativas e desejos.

O cheirinho dos cadernos novos, livros e da escola, aflora em nosso inconsciente, nos impulsionando a realidade. Mas de repente, surge algo que ficamos sabendo acontecer tão distante, e chega até nós como um foguete em um estalo. E tudo, todos são paralisados. A escola, as árvores, as flores, a brisa do pátio que nos acolhe ao chegarmos. Tudo isso se estaciona. As crianças, ah! As crianças se questionavam. Mas quando iremos retornar? Será que tudo isso vai passar rápido pró? Meu coração parecia também não mais pulsar. Como se eu estivesse paralisada, tanto quanto tudo a minha volta. E mesmo diante daquela situação, eu respondia as crianças com muito carinho que iríamos pedir ao Papai do céu para cuidar de todos nós e das nossas famílias! Que em breve estaríamos de volta. Contando e ouvindo muitas histórias...

O silêncio surge, o medo inevitável, somente o som dos armários fechando, passos lentos e únicos nas escadas. Salas vazias, carteiras desocupadas e quadro apagado!

O pátio, nem mesmo as folhas das árvores balançavam. O som das crianças correndo e falando soava aos meus ouvidos muito distantes.

Os professores, obrigados a se tornarem *youtubers* da noite para o dia. A timidez, a vergonha, o não querer

se expor, não era uma opção. Era necessário. Os desafios surgindo dia a dia isso eram fato. Planejamento, aulas, atividades, conselho e reuniões tudo de uma maneira inusitada.

A saudade, a dor no peito e a ansiedade hoje faz morada. Não escolhe o mais cheio de responsabilidade. Está nos corações desde o infantil até o universitário.

E quando, quando tudo isso irá passar?

Infelizmente precisamos da conscientização de todos, da sensibilidade, respeito e solidariedade de ambas as partes. Desde o doar um pedaço de pão ao doar uma máscara e orientá-lo. A escutá-lo, a Escuta é justamente isso, usar meu corpo todo num movimento, numa disponibilidade ao outro, sobretudo naquilo que ele difere de nós. Esquecendo-se de mim, esquecendo-se de nós! Amenizando a dor do outro, dor que o consome a alma.

Quando tudo isso passar.

Nada, nada será o mesmo. Nós não seremos os mesmos. As crianças não serão as mesmas. Nem mesmo a natureza, não será a mesma. O mundo será outro! E peço a Deus, pedimos a Deus! Peçamos a Ele, que nos proteja e que cada ser humano compreenda o verdadeiro sentido de toda essa história. As lacunas, as perdas, as cicatrizes ficaram marcado para sempre nas nossas memórias!

Curta divagação de uma professora em tempos de Pandemia

Maria Irma Chahine Gallo

Eu, Maria Irma Chahine Gallo.

Campinas... e considere todas as relações que são intrínsecas a ser mulher, cidadã, filha, mãe, avó, professora...nesse nosso contexto atual.

Sinto-me tremendamente responsável pelos meus alunos.

Estamos vivendo o mês de Junho...estaríamos esperando ansios@s as férias de Julho de 2020...

Acabo de sair de um meeting com minha OP e as colegas de ciclo, no caso ciclo 2 do FUND I.

OP. CICLO 2. FUND I.

Temáticas. Mitigações. Imagens. Conteúdos. Suportes.

Os alunos agora em Junho, após vencidas as primeiras dificuldades em relação à distribuição dos chips, à adaptação à Plataforma Google e realização das atividades, eles têm acesso a elas, por meio do app “Sala de Aula”, bem como por email. Posteriormente, avançamos com o app Meet.

Precisamos ter muita criatividade. Precisamos ter domínio das ferramentas de TI. Precisamos ser cautelosas, porque as atividades devem ser mitigadoras. Precisamos apaziguar os ânimos dos pais e alunos, que pedem atividades mas relatam imensa dificuldade em acessar a plataforma “Sala de Aula”, e em ter um celular para “chamar de seu”...(o celular que todos

responderam “ter” para realizar as atividades, já não são suficientes, deixarem de ser possíveis...)

Estou sem tempo, família, tenho que preparar atividades. Atividades, atividades, atividades de autoria, fundamentalmente!!

As atividades têm que ser mitigadoras, ou seja, que transversem (digamos, ludicamente) os conteúdos de forma a que o aluno as realize sem a necessária presença do professor....

- Ah! Mas esta não pode ser utilizada porque “cada um pode ter um entendimento” (ainda bem, né? Imaginem a mobilização familiar para dar uma resposta?? Todos em casa, unidos, pensando na atividade “mundana” d@ profess@r...No meu entender, atividade mitigadora, lúdica, é atividade, inclusive, que não tem resposta única, que favorece o exercício de reflexão do bom senso...)

- Esta outra tem a imagem com perda de qualidade (vá lá, ainda não tenho esta expertise)...

(mas continuando sem entender como que atividade com “cara” de livro pode ser mitigadora...)

Minha mãe - 86ª, asmática, adocece. Adocece?? Ela simplesmente ficou uma semana sentada em sua cama, sem dormir com uma horrorosa falta de ar. Remédios, inalações, alimentação, remédios “num quero, está me fazendo mal!”

Quer que eu esteja disponível o tempo todo: - “Você não está indo trabalhar!”

(Para constar que não fizeram seu teste PCR quando foi atendida no PS da Beneficência Portuguesa, porque sendo professora aposentada do Estado, realizam atendimento do IAMSPE. Se foi COVID19 ou não, informo que, graças a Deus, estamos todos vivos!).

Prefeitura de Campinas doará 1 tablet a cada aluno da rede! Hurra!!! Não vai mais...! Ah!!!!

O que fazer ???

Ah...trocaram o tablet do aluno por chip 4G, entregues aos alunos em Maio.

Whatsapp Business, atendimento ao aluno, aos pais, porque o chip do business é para ter capacidade de operar na Plataforma Google, com os apps “Sala de Aula”, Meet etc.

Mas...cada celular tem suas funcionalidades e capacidades!

É necessário orientar individualmente cada aluno e seus familiares. Praticamente tentando fazer os celulares funcionarem por “controle remoto”, prestando assessoria pela manhã, pela tarde e pela noite!

Em Abril a SME/IMA disponibilizou o email institucional com acesso à plataforma para professores. Agora parece fazer sentido... agora vai!!! Euforia! Professores e alunos se reconectarão! Ao menos por meio das atividades online!!!! Produção de vídeo individual e editado para ser institucional para dar virtualmente as Boas-Vindas aos alunos.

Professora, meu celular/d@filh@ não funciona !

Tentativas por meio de fotos, de vídeos caseiros “demo”, acompanhamento online através do Whatsapp para fazer o celular acessar a plataforma “Sala de Aula” e estar funcional. Nada. Frustração. Decepção...

Defendemos a entrega das atividades em papel, tanto quanto na Plataforma Google. Mas isso implica “aproximação social” já que pais irão à escola buscá-las. O que fazer?

Contínua produção das atividades escolares. Preocupação com os direitos autorais das imagens “caçadas” na internet. Busca por sites free royalties.

Rejeição às “atividades prontas” que “pipocam” na internet.

Novos aprendizados sobre captura de imagens que não percam qualidade na impressão. Tenho a “impressão” (se não a certeza) que não está claro ainda o que seja atividade mitigadora...

(a Secretaria de Cultura iniciou uma muito tímida apresentação de “atividades” das escolas da rede por meio da TV Câmara...)

Chegando (torço por isso) a um consenso...fatigada...

Talvez esteja vendo uma “luz no fim” da tela de meu Notebook...

Afinal, depois de muitas, mas muitas horas de assessoramento às famílias e alunos... consigo, além das atividades escolares autorais e outros eventos, realizar três meets na semana com uma parte de meus alunos (porque alguns não entraram até hoje, mesmo com todos os nossos esforços)!

Indagações e desafios durante a pandemia

Maria Teresa Cruz de Moraes

E agora?

Encontrávamo-nos em um momento de análise das habilidades consolidadas pelos estudantes, para intensificar o trabalho nas aprendizagens daqueles que ainda não haviam compreendido o sistema de escrita alfabético. Pensávamos em estratégias e desenvolvíamos planos de ação para que a intervenção do professor fosse efetiva.

A fala da professora coordenadora quando adentrava as salas era: “brilho nos olhos, pois quem quer aprender os olhos brilham” e os pequenos arregalavam os olhinhos acreditando tanto quanto ela nisso.

Eis que chega o boletim com as notícias: A pandemia chegara, dessa forma, teríamos uma semana para organizarmos os primeiros dias de planejamento das atividades a distância e a determinação era de que todos deveríamos ficar em casa.

Informações diversas sobre como nos organizar quanto a elaboração de roteiros de estudo, planos de aula, busca de alunos para engajamento nas atividades e conectá-los ao novo modelo de trabalho que se iniciaria, além da necessidade de seguir os protocolos de sobrevivência ou de segurança.

Um primeiro pensamento é de que a parada é necessária e que em breve estaríamos de volta mais fortalecidos.

E o trabalho?

Remoto! Remoto?

Junto com outros boletins chegam os receios e anseios.

Como aconteceria? Com qual ferramenta? Whatsapp? O meu não! Não consigo mexer! Não consigo fazer vídeos! Só tenho esse celular e está daquele jeito! Como irão aprender?

E agora? Como garantir o ler e escrever sem estar pertinho, sem pegar na mão, sem o afago e o presta atenção?

Como garantir o olho no olho? Como perceber o brilho nos olhos?

A família?

Não dará conta, afinal estará tentando manter-se saudável em todos os aspectos. Não domina os recursos tecnológicos! Não tem e-mail! Se na escola não participam imagina agora em casa! Enfim, não conseguirá além de tudo tomar para si a função do professor de mediador da aprendizagem.

E as escolas? Silenciosas!

As casas? Em alvoroço! Afinal as salas de estar viraram espaço de trabalho. Quantas vezes falamos que não levávamos o serviço da escola para casa e agora...

E agora?

Agora, da tela do celular, do computador ou do notebook continuamos nossa tarefa, tentamos restabelecer o vínculo com todos, reinventamos nossas práticas, tentamos garantir o mínimo aos nossos pequenos.

Quando vai acabar?

Não o sabemos. Mas estamos juntos nessa!

Sentimentos?

Um misto de medo e confiança.

Os olhos brilham? Sim!

Como?

Reflexos da tela de nossos instrumentos de trabalho, da certeza de que vai dar tudo certo e de que quando voltar ao normal a gente recupera tudo e se recupera também.

O que importa?

Paula da Rocha Gomes Oliveira

Era quinta-feira, 12 de março, tudo estava caminhando normalmente. Quer dizer, quase normalmente. Ouvíamos os noticiários sobre o avanço do COVID19 pela Europa, mas tudo ainda estava bem confuso por aqui. Apenas rumores, nada mais!

Nesse dia, especialmente, fiz minha primeira reunião de pais, apresentei-me, instiguei a todos uma reflexão a respeito da educação com uma dinâmica linda, mostrei o que havíamos feito nos primeiros vinte dias de aula, as propostas para esse ano letivo, nossos anseios e projetos de um estudo significativo para todos. Tudo ia bem, pelo menos era o que eu achava naquele momento, e não que estivesse alheia ao que vinha acontecendo no mundo, mas, tudo parecia distante ainda, se é que isso faz algum sentido.

Na sexta-feira, os ventos começaram a mudar. Os rumores começaram a ficar mais intenso - o que veio a se confirmar no final de semana -, o vírus já estava entre nós. Fecha-se tudo! Fecha-se a escola! Mas a escola? Quando se fechou escola em nosso país? Nem por falta de água fecha-se a escola! Por quanto tempo? Dez, quinze, vinte, trinta dias? Não sabemos. Uma incógnita. Só temos por referência os outros países, mas tudo tão confuso e obscuro. Não entrarei em aspectos políticos. Poupemo-nos deste aborrecimento.

As aulas foram paralisadas, repentinamente, na rede da Prefeitura Municipal de Paulínia no dia 19 de março de 2020. Recordo-me, neste momento, os

sentimentos de incertezas, assombro, tristeza, insegurança e vazio ao sair da escola naquele último dia fatídico. O que faremos agora?

Na primeira semana foram nos passadas as primeiras coordenadas: estabelecer contato com as famílias e elaborar um planejamento de atividades para o período de distanciamento social.

Oba! Estabelecer contato com as famílias! Sempre proponho estabelecermos um meio de contato extraclasse com as famílias. No entanto, sofro resistência e nunca consigo estabelecer esse intento. Vejo, nesse momento, a chance de estabelecer esse contato e, quiçá, seja permanente? As outras professoras resistem. Não querem oferecer seus contatos aos pais. Eu compreendo esse receio. A direção acata e, ela mesma, se propõe a estabelecer essa comunicação com as famílias. Eu não aceito e estabeleço o meu contato com as famílias pelo aplicativo Whatsapp, que mantenho e alimento diariamente.

Resolvido a questão do contato, como planejar atividades virtuais para crianças na educação infantil? O que priorizar? Vamos à internet! Lá, talvez, tenhamos alguma luz! Começam a chover atividades em nosso grupo de professoras. Um monte de coisas desconexas, sem foco e sem sentido. Não é assim que estamos acostumadas a trabalhar! Vamos retomar as rédeas, por favor? Começamos a nos centrar e planejar melhor, propor atividades que estivessem conectadas umas as outras, ao contexto familiar e respeitando os limites das famílias. Não tem sido fácil! Muito pelo contrário, um desafio e tanto. Principalmente, quando não temos retorno das famílias. Pois é, esta tem sido a minha frustração: não tenho tido a interação e o retorno que esperava quando criei o grupo da minha turma.

Acredito que as questões que envolvem as famílias sejam muito complexas. Apesar de não participarem ativamente do grupo, dando aquele retorno pedagógico que eu imaginava ser possível, alguns me enviam mensagens no particular, enviam-me fotos, contam-me suas angústias e sofrimentos, os quais os estão impedindo de realizar as atividades propostas. Eu sofro! Sofro por eles, sofro pelas crianças e sofro por mim... Não tem como falar de alfabetização e letramento nesse momento! Fazemos o que podemos, pois sabemos que todos estão sofrendo e que uma educação infantil de qualidade vai além de competências e habilidades. É afeto! Que todos fiquem bem!

Fora da escola e sem internet, também se aprende!

Renata B. Siqueira Frauendorf

Durante a pandemia, uma de minhas maiores preocupações inaugurais como formadora junto às equipes de municípios parceiros foi a de apoiá-los no trabalho a ser enviado para os alunos durante o distanciamento social. Vários dilemas foram me atravessando! Alunos sem escola; alunos sem internet; pais assumindo lugar de professores; professores sem alunos; professores se sentido sós; equipes técnicas elaborando atividades para alimentar sites; equipes se sentindo sós... Num primeiro momento esse contexto da pandemia me paralisou! O que fazer? Como ajudar? Como ser formadora em tempos de distanciamento social?

Comecei então a observar muito do que estava circulando nas redes, pelas redes. Vi que as atividades oferecidas em muitos casos eram, na grande maioria das vezes, propostas retiradas de blogs, sites, atividades em que a prática social de leitura e escrita estava a léguas de distância, propostas com pouco ou nenhum propósito comunicativo e nada de interação entre os alunos, embora enxergasse também um desejo enorme de acertar, uma ânsia em marcar presença junto a tantas crianças e jovens e mostrar que não estavam sós.

Este movimento me deslocou e me fez pensar o quanto a internet só estava sendo utilizada - na maioria dos casos - para dispersar informação e material. A grande potência de promover a interação entre aqueles

que estão distantes era algo que eu pouco via. E esse era um incômodo! Aliado a isso, também passei a observar que para muitas pessoas o fato das crianças, adolescentes estarem fora da escola significava, que não poderiam aprender.

A imagem fantasiosa de que apenas a escola ensina, é muito forte! A hegemonia dos conteúdos escolares acima dos saberes da experiência.

Como ajudar as pessoas a enxergarem as inúmeras situações de aprendizagem que acontecem em casa? Situações encharcadas de marcas culturais de cada família, revestidas pelo ambiente em que acontecem e ricas de possibilidade de interação entre aqueles que habitam o mesmo espaço ou mesmo estão distantes. Ler e executar uma receita de um prato que só a avó faz; rememorar histórias e experiências vividas pelas famílias entremeadas com fotos ou vídeo ou ainda bordados antigos numa relação intergeracional; conversar sobre os sentimentos provocados pelo distanciamento social; escrever uma lista de lugares e coisas para fazer assim que a pandemia acabar....Tantas possibilidades para se pensar sobre a leitura e a escrita!

Nessa eterna busca e mergulhada nos dilemas e incômodos fui caminhando junto com minhas parceiras de trabalho e juntas elaboramos algumas sequências didáticas cuja essência fosse o trabalho com as práticas sociais de leitura e escrita, situações que iam na contramão de muito do que estava circulando.

Arriscamos! Acreditamos! Sonhamos!
Desejamos! Esperamos...

Esses dias recebi algumas notícias desse trabalho!
As imagens contradizem muitas das verdades e

narrativas que vamos nos deixando contaminar. Sim, mesmo em contexto adverso, num estado de exceção como o que estamos vivendo, com tantas injustiças acontecendo, é possível!

Aprendi a ler e a escrever nas entrelinhas sem jamais desprezar a escola como espaço de vida, interação e produção de saberes.

Educação em tempos de distanciamento social

Rosimeire Souto

Estamos praticamente há quase 6 meses em casa devido a pandemia e ao distanciamento social, a sensação é que parece muito mais. Esse ano não estou exercendo a função de coordenadora pedagógica, pois fui privilegiada pela aposentadoria, que ocorreu em janeiro/2020, mas permaneço na rede de ensino estadual como professora. Primeiro para me acostumar ou tentar diminuir o ritmo frenético que estava acostumada a trabalhar no ano passado, hoje tento ocupar o tempo com práticas que me ocasionam leveza como mexer na terra, organizando o jardim e o trabalho com o artesanato. Em meados do mês de março iniciamos com o distanciamento social e a demanda exigida agora é a utilização dos recursos tecnológicos. A partir de então nossos encontros online acontecem nas formações, nas aulas com nossos alunos, reuniões com os pais entre outras demandas.

Tenho enfrentado um dilema grande, apesar de trabalhar com alunos do ensino médio, alunos que achávamos que dariam mais conta do recado com toda essa revolução na escola, mas vejo que não é bem assim! Uma fala muito forte do nosso secretário da educação é que não vamos abandonar nenhum aluno, mas infelizmente a desigualdade social que temos na rede é grande e nosso estado é enorme. Tenho uma média de 400 alunos no período em que trabalho (nove salas de aula) e até o momento consegui contato com apenas 30% deles. A exaustão diária na busca de engajá-los através

de tudo que está disponível, e-mail, WhatsApp, aplicativo do governo (CMSP), redes sociais e mesmo assim não estou tendo sucesso. Os que consegui ter acesso reclamam da falta de internet, computador e que não conseguem acessar todo conteúdo na telinha do celular, isso quando se tem celular. Além da qualidade das atividades que retornam não estarem a contento, as dificuldades de entendimento dos conteúdos ofertados também são visíveis.

Mesmo aqui em casa, com dois filhos também estudando online e tendo computadores disponíveis, alguns momentos são tensos, pois tenho que dar conta dos meus afazeres domésticos, profissionais e familiares dentro do mesmo espaço. Olhando para esse quadro tento não ficar angustiada, às vezes acho que não vou conseguir atendê-los como merecem. O ensino a distância exige outras dinâmicas e planejamentos que não estavam em nossa rotina.

Penso em como está sendo para os alunos dos anos iniciais, em quantas mães insatisfeitas com esse momento em que seus filhos necessitam ser auxiliados por elas, e algumas se sentindo incapazes pois não são professoras. Acredito que ao retornarmos ao ensino presencial não seremos e não poderemos ser os mesmos, essa pandemia de uma certa forma veio para mudar nossas concepções de vida e de educação. Como diz a música do Jota Quest " Vivemos esperando o dia em que seremos melhores... no amor, na dor, em tudo." Que assim seja...

Novo...Descontrole...Mudança...

Rossana Medes Gomes

Na virada do dia 31 de dezembro de 2019 para o dia 1 de janeiro de 2020, tenho certeza que imaginamos, pedimos, mentalizamos um ano novo bom, com mudanças boas e tenho certeza também que ninguém desejou o que estamos vivendo. Porém 2020 chegou e essas três palavras novo, descontrole, mudança demonstram um pouco o que está sendo este ano.

NOVO, por mais que desejamos um ano novo, dificilmente fazemos coisas novas mantemos as práticas que consideramos positivas e modificamos alguma coisa aqui e outra ali, porém este ano se tornou verdadeiramente novo em nossas práticas costumeiras no trabalho, na rua, em casa, em nossos relacionamentos.

Será que nós consideramos o novo bom, apenas porque idealizamos o novo como algo positivo? Quando procuramos no dicionário o significado de novo vemos palavras como estranho, desconhecido, original, ou seja, o novo não diz que será bom e sim que será diferente.

Agora vamos pensar sobre a segunda palavra DESCONTROLE, podemos dizer que por mais desorganizada que uma pessoa seja, por mais que não faça planos a longo prazo e até não saiba usar uma agenda gostamos de ter controle de tudo que irá nos acontecer, prova disso é o quanto nós usamos calendários e relógios... Esses objetos nos fazem sentir como se fossemos senhores do tempo, nos dá a ideia de controlar os meses, semanas, dias, cada hora e minuto da nossa vida e assim podemos procrastinar ou viver o

agora intensamente, pois começou o fim de semana (huhuuu é sexta-feira!).

Mas 2020 é um ano novo, lembra? A segunda ficou parecida com o domingo, agora não temos horário certo para trabalhar, modificaram as datas dos feriados! Vivemos uma semana de cada vez, pois a quarentena pode ser prorrogada. Não sei se posso sair. A festa foi cancelada. A viagem desmarcada. Não temos mais controle, não somos mais senhores do tempo e isso sim traz insegurança, anseios, medo...

MUDANÇA, engraçado mais 2020 trouxe o NOVO o DESCONTROLE e nos obrigou a mudar, sim obrigou. Quantas coisas sabíamos que tínhamos que modificar mais não modificávamos? Então agora fomos obrigados a mudar nossas tradicionais práticas no trabalho e na vida social.

Estamos nos reinventando, aprendendo a viver com essencial e a ter tempo para pensar no outro.

Se 2020 não fosse um ano verdadeiramente novo, será que mudaríamos?

“NÓS”

Simone Aparecida Ferreira Campana

Na semana do dia 19 de março e na anterior os jornais anunciam o vírus covid 19, muitos óbitos pelo mundo e nossa vida escolar seguindo, estranhamente uma semana de ausências por parte dos alunos, talvez orientados pelos jornais, ou seja, quem veio na quarta não veio na quinta.

E o decreto chegou da secretaria de educação da minha cidade (Paulínia), dizendo: “ A partir de quinta feira, dia 19 de março, as aulas estão totalmente suspensas”.

Bem que a vó dizia: Se despeça direito, pois nunca sabemos como será o dia de amanhã! Não houve tempo nesse início de ano letivo, estávamos no deleite do fim, das demandas que envolvem e caracterizam o período de adaptação das crianças, caminhávamos ainda no processo de conquista, crianças conquistando crianças e eu/ professora também conquistando- conhecendo crianças, pais, a parceira (professora do período da tarde), sendo conquistada pelos mesmos. Não houve tempo para uma reunião com estes pais dizendo sobre a importância da educação infantil nesta etapa da vida das crianças, (A entrevista inicial existiu, sua importância fora dita, mas pensávamos nos moldes ditos “normais” sem o Covid 19), não foram feitos acordos explicando que em tempos de pandemia todos precisamos estar juntos para que esta escola continue existir, faltou oportunidade de olhar nos olhos/despedir-se e dizer precisamos continuar mantendo entre nós essa relação

humana de presença mesmo que de forma distante com o uso do celular.

E na semana seguinte estávamos nós num grupo de whatsapp, (algo atípico para nossa escola), com um breve explicativo dizendo que a escola precisa e vai continuar enquanto estivermos em quarentena, assim precisamos pensar e planejar atividades para estas crianças realizarem em suas casas, seriam enviadas pelo celular e estamos falando de crianças de 3 anos de idade.

Quais atividades enviar, pois a escola é o espaço que nos fornece todo esse suporte de matérias e local para as brincadeiras, isso em comparação com as casas das crianças que à mim é totalmente desconhecido, seria como falar do fundo do oceano, possui uma certa noção do que existe lá, mas é totalmente desconhecido.

Dessa forma planejo e planejei as atividades, partindo de tudo que me constitui como professora, teoria/ prática, grupos de estudos e com muito cuidado para não usar nenhum material escolar como tinta, giz de cera, lápis, e afins, não pedi nada pois não sabia se possuíam estes materiais e agora seria o momento de ter cautela pensando na dispensa de emprego que estas famílias estariam vivendo.

Brinque, nunca pare, este foi o meu maior incentivo, brinque sozinho, brinque com o outro, mas brinque, na primeira semana houve uma boa participação os recadinhos do whatsapp estavam dando certo! Mães nos enviavam fotos e vídeos das crianças brincando. Enquanto essa triste doença devastava o mundo.

No grupo temos alguns pais silenciosos, talvez esses pais visualizem as mensagens, nunca comentaram nada, talvez realizem ou não as propostas de brincar já que os mesmos não nos dão retorno. E assim envio brincadeiras diversas, uma por dia, cinco dias da

semana, as participações são esporádicas, apenas um aluno se mantém fiel, tem dias que nenhum ,ninguém realiza a brincadeira do dia, não nesta forma aqui determinada como meio de comunicação, (esperançosamente quero acreditar). Tentamos nos aproximar dos pais silenciosos, estes nos responderam que estavam bem e continuam calados, vejo que visualizam as mensagens talvez por curiosidade, para ver se estou a cumprir minha obrigação de docente, para ver como os outros pais se comportam neste grupo, talvez para mostrar para seus filhos o coleguinha da escola ou não, não sei.

Que escola é essa, distante em todos os aspectos, sem abraço, sem olhos nos olhos, sem risos, sem falas, sem PIPOCAS PEDAGÓGICAS, onde envio atividades pelo telefone, para crianças tão pequenas realizarem com seus pais, dizendo brinque. As vezes sou tomada por um sentimento estranho, ansiosa, me sinto invasiva, pedindo ao outro uma relação que não existe, pensando em tudo, no social, no financeiro, psicológico, imagino que eles devem pensar diversas coisas e duas delas são: Criança brinca sem precisar pedir, e que eu/ professora não tenho que pedir para pais brincarem com seus filhos, pois tomara Deus que estes da minha turma já façam isso.

Sinto falta do que tínhamos, do espaço, das pessoas, do tempo reservado para ofício pois assim o faço desde que escolhi ser da/ estar e permanecer na educação, busco e peço o brincar com o outro tentando sempre distanciar as crianças em suas casas dessa tecnologia (celular) esperando que este seja apenas o utensílio que registrará a brincadeira, uma mãe muito jovem mencionou: - Meu filho não sai do tablet por isso fica difícil realizar as atividades.

E continuo insistindo em atividades de brincar onde existam trocas, com cautela em falas e enunciados, sigo vendo e ouvindo o silêncio destes pais, tentando conquistá-los com atividades lúdicas, vibrando com a participação de alguns, preocupada com toda a busca anterior que tínhamos de socialização, de humanização, já que o grande desafio era o verbo " nós", e com essa pandemia pensando em prós e contra, todos tivemos que voltar para o eu/meus confinados em casa, para poder preservar o outro - nós, desejo muito que possamos retornar com saúde , segurança, ética, usando esse verbo para além da tolerância, que possamos ter entendido a brevidade da vida, dos seres humanos neste planeta, nesses tempos onde alguns homens estão escancarando o seu lado feio, agressivo, destrutivo para com o outro, que a escola exista, seja resistência, viva o "nós", e anestesiar-se jamais desde a primeiríssima infância.

Epílogo

Rosaura Soligo

Este epílogo traz uma composição que reúne fragmentos escolhidos em todas as narrativas escritas pelas autoras do livro. A ideia de produzir essa espécie de mosaico como epílogo surgiu durante a leitura dos textos, quando fui percebendo o quanto esses escritos tocantes revelam muito não só do que, pessoalmente, viveu e pensou cada educadora nestes tempos difíceis, mas também revelam muito do momento histórico peculiar que marcou o início dos anos 20 do século XXI, em razão da pandemia.

Então uma afirmação do sociólogo italiano Franco Ferrarotti, em seu texto *Sobre a autonomia do método biográfico*³, não me saiu mais da cabeça, porque ele nos lembra que

Toda vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo comportamento ou ato individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social. ... O nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos; a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual.

³ In NÓVOA, António e FINGER, Mathias O método (auto)biográfico e a formação. Natal: EDUFERN e Paulus, 2010.

É mesmo verdade. E, quando narrados, os sonhos, os delírios, as obras, os comportamentos, os atos, a vida acontecendo e a reflexão que fazemos sobre nossa história pessoal trazem indícios da história social em curso.

A composição a seguir, é prova disso. Os trechos destacados em cada uma das narrativas deste livro poderiam ser outros, e cada leitor está convidado a criar uma composição pessoal a partir de suas próprias escolhas, conforme seus critérios e suas preferências. O resultado, nesse caso, será uma porção de mosaicos textuais diferentes, considerando os destaques que fizerem sentido para cada um. Entretanto, invariavelmente, sempre serão um registro do tempo histórico que vivemos.

Minhas escolhas foram guiadas pelo desejo de adensar a reflexão sobre o impacto desse tempo na vida das professoras, por isso reuni os trechos que considerei mais representativos nesse sentido e foi este o resultado:

Tenho certeza que na virada do dia 31 de dezembro de 2019 para o dia 1 de janeiro de 2020 imaginamos, pedimos, mentalizamos um ano novo bom, com mudanças boas.

Início do ano 2020 como mais um ano, todos cheios de esperança, sonhos e projetos... O ano letivo se aproxima com novas expectativas e desejos.

O cheirinho dos cadernos novos, dos livros e da escola aflora em nosso inconsciente, nos impulsando à realidade. Mas, de repente, assim, surge algo que ficamos sabendo acontecer tão distante, e que chega até nós como um foguete, em um estalo.

Os ventos começaram a mudar. Os rumores começaram a ficar mais intensos: ele, o vírus já estava entre nós! Fecha-se tudo! Fecha-se a escola! Mas a escola? Quando se fechou escola em

nosso país? Nem por falta de água fecha-se a escola! Por quanto tempo? Dez, quinze, vinte, trinta dias? Não sabemos. Uma incógnita. Só temos como referência informações confusas e obscuras de outros países...

E tudo e todos são então paralisados. A escola, as árvores, as flores, a brisa do pátio que nos acolhe ao chegarmos. Tudo isso se estaciona. Aulas suspensas, escola fechada, todos em casa. Sinto falta da rotina, do barulho, das conversas com as crianças. Bem que a vó dizia: Se despeça direito, pois nunca sabemos como será o dia de amanhã!

Faltou olhar nos olhos, nos despedir e dizer “precisamos continuar mantendo entre nós essa relação humana de presença mesmo que de forma distante, com o uso do celular”.

Na primeira semana recebemos as primeiras coordenadas: estabelecer contato com as famílias e elaborar um planejamento de atividades para o período de distanciamento social.

E agora? Como aconteceria esse contato? Com qual ferramenta? Whatsapp? O meu não! Não consigo mexer! Não consigo fazer vídeos! Só tenho esse celular e está ‘daquele jeito’! Como irão aprender? Como garantir o ler e o escrever sem estar pertinho, sem pegar na mão, sem o afago e o ‘presta atenção’? Como garantir o olho no olho? Como perceber o brilho nos olhos? E as escolas?! Silenciosas! Salas vazias, carteiras desocupadas e quadro apagado! As casas? Em alvoroço! As salas de casa viraram espaço de trabalho.

Vi, nesse momento, a chance de estabelecer um contato mais estreito com as famílias e, quiçá, seja permanente!

Hoje nos comunicamos pelo whatsapp.

Ao criar o grupo, a minha primeira frase foi: “Crianças, estou com muitas saudades!”. A resposta de algumas foi imediata e, por ainda não estarem alfabetizadas, tomaram o celular em

punho e me mandaram áudios respondendo que também estavam com muita saudade.

Peço sempre que me enviem áudios contando como estão. Fico emocionada com cada recadinho, cada foto que recebo. Gravo vídeos lendo histórias. Peço que me contem se gostaram. As crianças me mandam vídeos lendo também. Seguimos assim, tentando amenizar a saudade.

Acredito que as questões que envolvem as famílias sejam muito complexas. Alguns pais me enviam mensagens no particular, enviam-me fotos, contam-me suas angústias e sofrimentos, que estão impedindo de realizar as atividades propostas.

Um pai me disse que aproveita o wi-fi da empresa em que trabalha como guarda noturno para tirar dúvidas e baixar o roteiro para as atividades da semana. Não me recuso a atendê-los – o combinado é que, se eu não responder na hora que chegar a mensagem, é só aguardar que respondo quando puder. Está funcionando bem, os grupos são para discussões importantes e as famílias têm se organizado como podem.

Dependo dos adultos para ter acesso as crianças e, por isso, minha relação se estreitou com a maioria. Acredito que esse é um dos aspectos positivos que vou levar dessa experiência. De algumas crianças não consegui retorno, mas imagino estarem bem porque foram retirar o material na escola.

Quais atividades enviar para os pequenos foi sempre uma questão, pois a escola é o espaço que nos fornece todo o suporte de materiais e é o local para as brincadeiras. As casas das crianças, para mim, são lugares totalmente desconhecidos... É como falar do fundo do oceano: possuo uma certa noção do que existe lá, mas na realidade é desconhecido.

Brinquem! Este foi o meu maior incentivo. Na primeira semana houve uma boa participação e os recadinhos do whatsapp estavam dando certo! Mães enviavam fotos e vídeos das crianças brincando. Enquanto essa triste doença devastava o

mundo. Mas eu me perguntava que escola é essa, distante em todos os aspectos, sem abraços, sem olhos nos olhos, sem risos, sem falas, sem pipocas pedagógicas, com atividades enviadas pelo telefone...

Foi preciso se tornar youtuber da noite para o dia. A timidez, a vergonha, o não querer se expor não eram uma opção. Era necessário. Os desafios surgindo dia a dia. Planejamento, aulas, atividades, conselho e reuniões, tudo de uma maneira inusitada. A demanda de trabalho aumentou bastante e a escola precisa se adaptar a essa nova realidade, acolhendo e apoiando seus professores, que também ficaram fragilizados.

O fato é que precisamos ter muita criatividade. Precisamos ter domínio das ferramentas de TI. Precisamos ser cautelosas, porque as atividades devem ser mitigadoras. Precisamos apaziguar os ânimos dos pais e alunos, que pedem atividades mas relatam imensa dificuldade em acessar a plataforma e em ter um celular para “chamar de seu”.

Temos que dar conta dos afazeres domésticos, profissionais e familiares. Olhando para esse quadro, tento não ficar angustiada, às vezes acho que não vou conseguir atendê-los como merecem. O ensino a distância exige outras dinâmicas e outro planejamento.

Gostamos de ter controle de tudo que irá nos acontecer, prova disso é o quanto usamos calendários e relógios... Esses objetos nos fazem sentir como se fossemos senhores do tempo, nos dão a ideia de controlar os meses, semanas, dias, cada hora e minuto da nossa vida. Mas o tempo agora se transformou. A segunda-feira ficou parecida com o domingo...

Nestes meses, ficou evidente o tamanho da desigualdade educacional brasileira, o abismo que é. Hoje está mais visível quais são as concepções de cada instituição, de cada professora, de cada sistema de ensino. E penso no quanto a internet tem sido utilizada – na maioria dos casos – para dispersar

informação e material. A grande potência de promover a interação entre aqueles que estão distantes pouco aconteceu.

Quem dera a escrita fosse feita em contextos mais significativos... Quem dera as crianças pudessem escrever mais sobre o que quisessem, marcar o papel com os cheiros e os sabores do que se vive, do que se é...

Passei a observar que para muitas pessoas o fato de crianças e adolescentes estarem fora da escola significava que não poderiam aprender. A imagem fantasiosa de que apenas a escola ensina é muito forte! Como sempre, a hegemonia dos conteúdos escolares acima dos saberes da experiência.

O que será normal a partir de agora?? Será que existiria uma definição do que é hoje o retorno ao normal?

E 2020 é um ano novo, lembra?

Creio que não voltaremos os mesmos, que ao voltarmos para a nossa rotina de vida seremos mais abertos às opiniões dos outros, mais humanos, menos egoístas e autossuficientes, dispostos a ser transformados e a transformar a sociedade na qual estamos.

Que possamos retornar com saúde, segurança, ética, para além da tolerância, que possamos ter entendido a brevidade da vida, dos seres humanos neste planeta, nestes tempos em que alguns homens estão escancarando o seu lado feio, agressivo, destrutivo para com os outros.

Sim, mesmo em contexto adverso, num estado de exceção como o que vivemos, com tantas injustiças acontecendo, é possível!

“Vivemos esperando o dia em que seremos melhores... no amor, na dor, em tudo!”

Temos esperança! Somos resilientes, somos professores!

Somos professores e continuamos. Em algum lugar entre o passado e o futuro.

Somos sempre sujeitos históricos, como se vê. Mas o registro de nossa reflexão sobre o que vivemos, e a generosa partilha com outros sujeitos, é o que atesta essa nossa condição de atores da vida social, nem sempre considerada. Sim. Porque escrever é não só fazer história, mas assumir o compromisso de documentá-la.

Sobre as autoras das narrativas

Ana Luiza Tayar Lima: mestranda em educação pela FE/Unicamp, pós graduada em Coordenação Pedagógica pela UFSCAR/SP; Pedagoga pela FAECA/Monte Aprazível/SP. Formadora Regional do Curso de Extensão Universitária de Formação de Professores do "Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa" (PNAIC), do Ministério da Educação, realizado pela/UNESP. Participa do Grupo de estudos de alfabetização em diálogo - GRUPAD, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP e do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* - Polifonia, do GEPEC/FE/UNICAMP e FFP/UERJ. Formadora de professores na Rede Estadual de São Paulo. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Secretaria Estadual da Educação de São Paulo.

E-mail: ana100lui@gmail.com

Angelina Vieira da Silva: Pedagoga pela Faculdade Anhaguera, Campinas/SP. Professora titular de Educação Infantil, na Escola E.M. Prof Dr .Édison José de Paula, Monte Mor/SP. Participante do GRUPAD e do Grecotidiano - FE/UNICAMP.

E-mail: gelinavs@gmail.com

Cláudia Nobre Marques Ortolan: Professora da Rede Estadual de São Paulo desde 1990, Professora Coordenadora 2007-2018. Atualmente na sala de aula na EE Prof. Paulo José Octaviano. Formada em Pedagogia pela Uniararas, com pós-graduação em novas tecnologias aplicadas à Educação pela

Unicamp, 2010. Participante do Grupo de Estudos em Alfabetização e Diálogo - GRUPAD.

E-mail: claudia.ortolan@yahoo.com.br

Elisângela Lima: Pedagoga pela Faculdade Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP. Professora titular de Educação Infantil, na Escola Centro Educacional Integrado de Louveira /SP. Participante do Grupo de Estudos em Alfabetização e Diálogo- GRUPAD e Mestranda em Educação na Unicamp/Campinas.

E-mail: pretinhaelis2@gmail.com

Elisabete Rosa da Silva: Pedagoga pela FE/Unicamp; professora de Educação Básica da Rede Estadual do Estado de São Paulo. Participante do Grupo de Estudos em Alfabetização e Diálogo - GRUPAD, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP.

E-mail: betedel@hotmail.com

Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima: Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus de Marília/SP. Professora Auxiliar do Ensino Fundamental 1, na Escola Comunitária de Campinas, Campinas/SP. Participante do Grupo de Estudos em Alfabetização e Diálogo - GRUPAD e do Grubakh, subgrupos do GEPEC/FE/UNICAMP.

E-mail: fernanda.dalmatti@gmail.com

Lucilene Aparecida da Silva Faveri: Pedagoga; Centro Universitário Salesiano SP, Unisal. Pós-graduanda em Coaching, Liderança e Motivação com foco em PNL. UNIFAJ - Centro Universitário de Jaguariúna. Professora Contadora de História, Escritora

e Poetisa. Participante do Grupo de Estudos em Alfabetização e Diálogo - GRUPAD.

E-mail: lucilene_s_faveri@hotmail.com

Maria Irma Chahine Gallo: especialista em Ética, Valores e Cidadania na Escola, USP, São Paulo, SP; MBA em Gestão Educacional e Escolar, UNASP, Engenheiro Coelho, SP; especialista em Teoria e Prática de Ensino na Educação Básica, OPET, Curitiba, PR; especialista em Educação Especial e Inclusão Social, UNASP, Engenheiro Coelho, SP; especialista em Psicopedagogia Institucional, UNIABEU, Belfort Roxo, RJ; MBA em Gestão Estratégica de Empresas e Negócios, METROCAMP, Campinas, SP; Pedagoga licenciada por FE, UNICAMP, Campinas, SP. Membro colaborador dos grupos de estudos GRUPAD e GRUBAKH, subgrupos do GEPEC/UNICAMP. Colaboradora do Grupo de Trabalho no Curso Formação de Leitores /GRUPAD. Professora PEB II - anos iniciais - na SME da Prefeitura Municipal de Campinas-SP. Tendo sido professora em outras redes municipais de ensino da RMC.

E-mail: mimichahine@gmail.com

Maria Teresa Cruz de Moraes: Pós graduada em coordenação pedagógica pela UFSCAR, Universidade Federal de São Carlos/SP; licenciada em Psicopedagogia pela FAC/Campinas/SP; licenciada em Pedagogia pela FIMI, Faculdades Integradas Maria Imaculada em Mogi Guaçu/SP; Participante do Grupo de Estudos de Alfabetização em Diálogo - GRUPAD, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP. Formadora de professores na Rede Estadual de São Paulo; Formadora no Curso de formação de leitores na EXTECAMP-UNICAMP Coordenadora pedagógica na Rede Estadual SEE/SP.

E-mail: mtcmoraes@gmail.com

Loendra Bueno Santos: Pedagoga pela Faculdade Fleming e Pós Graduação em Educação Inclusiva, no Instituto Brasileiro de Formação de Educadores. Trabalho como Funcionária Pública no estado no cargo de Agente de organização Escolar. Participante do GRUPAD sub grupo do GEPEC/FE/UNICAMP.

E-mail: professoraloendra@yahoo.com

Renata Barroso de Siqueira Frauendorf: doutoranda em educação pela FE/Unicamp; mestra em educação pela FE/Unicamp/Campinas/SP; psicopedagoga pelo Instituto Sedes Sapientiae /SP; pedagoga pela USP/SP. Coordenadora do Grupo Alfabetização em diálogo - GRUPAD, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP. Formadora de formadores, Coordenadora de Projetos do Instituto Avisa Lá -SP.

E-mail: re.frau@hotmail.com

Paula da Rocha Gomes Oliveira: especialista em Educação Infantil pela UNISAL; pedagoga pela FE/UNICAMP; professora da educação básica da Rede Municipal de Paulínia Participa do GRUPAD sub grupo do GEPEC/FE/UNICAMP

E-mail: paula.rochagomes@gmail.com

Rosimeire dos Santos Souto: Especialização em Coordenação Pedagógica pela UFSCAR/São Carlos; formada em Letras Licenciatura Plena pela FAFICLE/Jales/SP; Pedagogia pela FCL/Ouro Fino/SP; Especialização "Processo do Ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa Faculdade São Luís/Jaboticabal/SP; Formadora pelo Programa Letra e Vida/CENP/SP; Formadora PACTO pela

Educação/SP. Participante do Grupo Alfabetização em diálogo - GRUPAD sub grupo do GEPEC/FE/UNICAMP. Professora da Rede Estadual de Ensino anos finais e médio.

E-mail: rosimeiresantossouto@gmail.com

Rossana Medes Gomes: Especialista em dança e consciência corporal pela UniMetrocamp; graduada em pedagogia pela Anhanguera Educacional. Professora do ensino fundamental 1 da rede estadual de São Paulo. Participante do Grupo Alfabetização em diálogo - GRUPAD sub grupo do GEPEC/FE/UNICAMP.

E-mail: rossanamedes@gmail.com

Simone Aparecida Ferreira Campana: Professora da rede municipal Paulínia, Pedagoga pela FE/UNICAMP/CAMPINAS/SP, Pós graduada em Psicopedagoga, Arte Educação, Neurociência e Educação, Educação Inclusiva pelo IBFE/Campinas/SP, pós graduada em Educação Infantil pela São Luis/Jaboticabal/SP, pós graduada em Literatura e Contação de Histórias pela Univida/FACIBRA/PR, participa dos grupos de estudos Grubakh e Grupad subgrupos do GEPEC/FE/UNICAMP. Membro do grupo de Cultura Popular Caixeiras das Nascentes/Campinas, Contadora de Histórias e membro do grupo Confraria do Conto/ SBO.

E-mail: simonecampana75@hotmail.com

Sobre as organizadoras e o organizador

Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima:

Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus de Marília/SP. Professora Auxiliar do Ensino Fundamental 1, na Escola Comunitária de Campinas, Campinas/SP. Estudante especial do Mestrado em Educação UNICAMP/FE. Participante do Grupo de Estudos em Alfabetização e Diálogo - GRUPAD e do Grubakh - Grupo de Estudos Bakhtiniano, ambos subgrupos do GEPEC/FE/UNICAMP.

E-mail: fernanda.dalmatti@gmail.com

Guilherme Do Val Toledo Prado:

Doutor em Linguística Aplicada na Área de Ensino de Língua Materna; Mestre em Metodologia de Ensino, ambos pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Professor Livre-Docente na Área de Educação Escolar no Departamento de Ensino e Práticas Culturais da Faculdade de Educação da Unicamp.

E-mail: toledo@unicamp.br

Renata Barroso de Siqueira Frauendorf -

doutoranda em educação pela FE/Unicamp; mestra em educação pela FE/Unicamp/Campinas/SP; psicopedagoga pelo Instituto Sedes Sapientiae /SP; pedagoga pela USP/SP. Coordenadora do Grupo Alfabetização em diálogo - GRUPAD, subgrupo do GEPEC/FE/UNICAMP. Coordenadora de Projetos do Instituto Avisa Lá -SP.

E-mail: re.frau@hotmail.com

Os textos desta coleção não nos deixam esquecer de um momento, início da pandemia do Covid 19 - anos 20 do séc.XXI - e o impacto sentido por nós professoras diante do fechamento das escolas, que muito embora esteja muito vivo entre nós, já é passado. Um passado que não pode ser apagado, esquecido, ou simplesmente abandonado em nome do novo normal, pois vivemos (continuamos a viver) intensamente as angústias e incertezas dos primeiros momentos da pandemia e aprendemos com essa experiência.

Esperançamos!



ISBN 978-65-5869-045-0



9 786558 690450